

O impacto do isolamento social no desenvolvimento cognitivo e comportamental infantil

The impact of social isolation on child cognitive and behavioral development

El impacto del aislamiento social en el desarrollo cognitivo y conductual infantil

Recebido: 13/07/2021 | Revisado: 19/07/2021 | Aceito: 20/07/2021 | Publicado: 28/07/2021

Aline Diniz dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2387-9014>

Centro Universitário do Distrito Federal, Brasil

E-mail: dinizenila@gmail.com

Júlia Kamers da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2527-6869>

Centro Universitário do Distrito Federal, Brasil

E-mail: jkamers@hotmail.com

Resumo

Este artigo estuda os impactos do isolamento social durante a pandemia de COVID-19 no comportamental e cognitivo de crianças de 0 a 6 anos. Para realizar essa avaliação foi feito um questionário com pais/responsáveis por essas crianças. Em um segundo momento foi feita uma entrevista semiestruturada para aprofundar o conhecimento nas respostas nas informações fornecidas anteriormente. A pesquisa tem como objetivo confirmar ou contraditar os dados levantados no referencial teórico, além disso, o conteúdo abordado aqui poderá ser de grande valia para psicólogos, pedagogos, pais, psiquiatras e pessoas da área da saúde em geral que possam se interessar pelo assunto, pois atualmente há muitos artigos, pesquisas e estudos sobre esse assunto em português. Os resultados desse trabalho mostraram que a grande maioria dos pais/responsáveis estão em extrema sobrecarga e que muitas crianças demonstram alterações tanto comportamentais como cognitivas. Além do aumento do uso de telas e diminuição de atividades físicas e movimentação corporal no geral, há também os prejuízos e benefícios do contato exclusivo com pessoas do núcleo familiar.

Palavras-chave: Crianças; Pandemia; Isolamento; Desenvolvimento; COVID-19; Cognitivo; Comportamental; Psicologia; Saúde; Telas.

Abstract

This article studies the impacts of social isolation during the COVID-19 pandemic, on the behavioral and cognitive aspects of children aged 0 to 6 years. To accomplish this evaluation, a questionnaire was made with the parents/guardians of these children. In a second part, a semi-structured interview was made to deepen the knowledge based on the answers and information previously provided. The research aims to confirm or contradict the data raised in the theoretical framework, the content of this article may be of great regard to psychologists, pedagogues, parents, psychiatrists and people in the health area who may be interested in the theme, as there aren't many articles, research and studies on this subject in Portuguese. The results of this study showed that the vast majority of parents / guardians are extremely overloaded and that many children show changes in both behavior and cognition. Beyond the increased use of screens and decreased of physical activity and body movement in general, there are also the losses and benefits of exclusive contact with family members.

Keywords: Childhood; Pandemic; Isolation; Development; Infantile; COVID-19; Cognitive; Behavior; Psychology; Health; Screens.

Resumen

Este artículo estudia los impactos del aislamiento social durante la pandemia de COVID-19 en el comportamiento, el cognitivo y conductual de los niños de 0 a 6 años. Para realizar esta evaluación se realizó un cuestionario con los padres / tutores de estos niños. En la segunda etapa, se realizó una entrevista semiestructurada para profundizarse en el conocimiento de las respuestas y informaciones previamente proporcionadas. El objetivo de la investigación es confirmar o contradecir los datos recogidos en el marco teórico, además, el contenido aquí cubierto puede ser de gran valor para psicólogos, educadores, padres, psiquiatras y personas de la área de salud en general que puedan interesarse por el tema, ya que actualmente no hay muchos artículos, investigaciones y estudios sobre este tema en portugués. Los resultados de este trabajo mostraron que la gran mayoría de los padres / tutores se encuentran bajo una sobrecarga extrema y que muchos niños presentan alteraciones tanto conductuales como cognitivas. Además del mayor uso de pantallas y la disminución de la actividad física y el movimiento corporal en general, también están los perjuicios y beneficios del contacto exclusivo con personas del núcleo familiar.

Palabras clave: Niños; Pandemia; Aislamiento; Desarrollo; COVID-19; Cognitivo; Conductual; Psicología; Salud; Pantallas.

1. Introdução

No final do ano de 2019, o governo da China notificou a Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre os primeiros casos de infecção por COVID-19 (SARS-CoV-2). Trata-se de uma doença que ainda não tem nenhum medicamento para tratamento ou cura com eficácia comprovada e que apresenta um espectro clínico que varia de contaminação assintomática até quadros graves. Devido ao fato de o vírus não apresentar necessariamente nenhum sintoma, algumas pessoas que viajaram para fora do país no período de férias (final de 2019 e começo de 2020), o vírus se espalhou de forma global.

No dia 26 de fevereiro de 2020 foi anunciado o primeiro caso de contaminação no Brasil, no estado de São Paulo. Após o aparecimento do primeiro caso no país, vários estados começaram a decretar medidas de isolamento, como a suspensão de eventos com mais de 500 pessoas, comércios foram fechados, bares e restaurantes podendo abrir somente com capacidade reduzida. Creches, escolas e faculdades tiveram as atividades suspensas e algumas instituições adotaram o modelo de *home office*.

Estudos mostram que o isolamento social é a medida mais efetiva para combater a propagação do vírus, devido a sua alta taxa de transmissibilidade, que se espalha através do contato físico, gotículas de saliva e contato com objetos ou superfícies contaminadas. A efetivação do isolamento social faz com que menos pessoas se contaminem e passem para menos pessoas, dessa forma surgirão menos casos ao mesmo tempo e o sistema de saúde não vai ficar sobrecarregado.

Porém o isolamento social, faz com que a vida das pessoas mude de forma abrupta, tendo impactos na rotina, biológicos, econômicos e também os relacionados ao nível de estresse e ansiedade que afetam a quase todas as pessoas. Em relação a parte da população que já é acometida por algum transtorno mental, esses sintomas podem ser intensificados. Dessa forma, este presente trabalho tem como ideia básica avaliar se esse isolamento social afeta o desenvolvimento cognitivo e comportamental das crianças e também como o surgimento de algumas situações, como o contato restrito com o núcleo principal familiar, falta de exercícios físicos, aumento do uso de telas, também podem trazer algum impacto para essas crianças.

O referencial teórico deste trabalho é baseado em artigos previamente publicados e estudos feitos com o passar dos anos. Em seguida, foi feita uma descrição do método utilizado para aferir os possíveis impactos do isolamento social no cognitivo e comportamental infantil. Após a aprovação do comitê de ética, foi dada continuidade na fase de aplicação de questionários e entrevistas com pais e/ou responsáveis e também profissionais da saúde que tenham contato com crianças de 0 a 6 anos. Posteriormente foi feita uma análise dos dados qualitativos, com base na teoria de Bardin e uma análise descritiva dos dados quantitativos obtidos na entrevista feita com os pais/responsáveis na segunda fase do projeto.

2. Referencial Teórico

Estudos mostraram que o isolamento social é a medida mais efetiva para combater a disseminação do vírus. Devido a esse isolamento, além de outras medidas, veio o fechamento das escolas. Dessa forma, pais, responsáveis e crianças tiveram que se adaptar a uma nova forma de estudos, com aulas *online*, mais necessidade de auxílio às atividades escolares das crianças, entre outras atividades que foram alteradas devido a essa nova rotina. Isso pode gerar uma demanda maior de atenção, por parte dos pais e cuidadores, já que o auxílio direto feito na escola presencialmente está suspenso (Fundação Instituto Oswaldo Cruz [FIOCRUZ], 2020).

A interação social com outras pessoas que não são do círculo familiar próximo, foi um dos pontos afetados. Antes da pandemia, as famílias podiam contar com uma rede de apoio externa do núcleo familiar principal (avós, tios, outros familiares, escolas, serviços de saúde). E agora devido a esse isolamento, o contato ficou mais restrito e as redes sociais viraram um dos únicos meios de interação com o mundo externo (FIOCRUZ, 2020).

Manter uma rotina que não inclui momentos de lazer fora de casa pode ser um grande desafio, porém é de extrema importância que exista um cronograma de horários a ser seguido para assegurar que as crianças tenham momentos de aprendizado, estudo e tarefas, mas também tenham momentos de lazer e descontração para não se sentirem sobrecarregadas, estressadas e ansiosas (FIOCRUZ, 2020).

Esse contato restrito com o núcleo familiar principal, pode trazer prejuízos para as crianças, já que nem toda relação familiar é harmoniosa, desse modo, pode acontecer que as crianças fiquem expostas a ambientes prejudiciais para sua saúde física e mental. Filhos de pais ausentes vivenciam sentimentos de valorização e carência afetiva, que impossibilita de obter recursos internos para lidar com situações adversas. O que pode gerar desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, que são sérios obstáculos à aprendizagem escolar. (Scoz, 1996 como citado em Limeira, Oliveira, Oliveira, Dâmaris & Toro, 2020)

Além de problemas já conhecidos que podem ser agravados neste período, como a violência, pobreza e falta de condições financeiras, existem outras dificuldades que podem surgir nesse momento de isolamento, como por exemplo, uma ansiedade na criança, já que o contato com o professor e colegas é *online* e aquele momento na sala de aula não existe mais.

O estresse nos pais e cuidadores, devido ao *home office* e a falta de tempo para lidar com a demanda maior em relação às atividades escolares da criança, que pode gerar uma insegurança na criança ao precisar pedir ajuda, podendo fazer com que essa relação fique mais abalada e a criança tenha prejuízos na educação (FIOCRUZ, 2020).

Nem só malefícios vem desse isolamento social. Antes da pandemia, conforme dito anteriormente, algumas crianças tinham seus cuidados divididos com escolas, creches e outros familiares. Porém agora essa interação familiar obrigatória pode ter um impacto positivo para a relação familiar, permitindo que ocorra um aumento no vínculo entre a criança e o adulto, o que pode ser extremamente benéfico para o desenvolvimento cognitivo da criança. Quanto mais cedo a criança se envolve nas relações sociais, mais benefícios terá a curto ou longo prazo, tendo em vista as experiências e aprendizados que resultam de tais interações (Garton, 1992).

Conforme dito anteriormente, agora que a interação está mais restrita com poucas pessoas da família, faz-se necessário o uso da tecnologia para a manutenção dos laços sociais e afetivos com outros familiares e amigos da criança (FIOCRUZ, 2020). Além desse uso para essa manutenção, o uso de TV, smartphones, vídeo games, tablets e computadores são peças fundamentais para os momentos de aula e atividades escolares, porém são também utilizadas em momentos de lazer e descanso.

As telas também são utilizadas como uma maneira de distração, para que os pais possam ter mais tempo para si e realizar suas atividades, enquanto a criança se mantém entretida. Porém isso poderá se tornar algo prejudicial quando o tempo de uso afeta a qualidade e quantidade de tempo de interação pais e filhos, tempo esse que é de extrema importância para o desenvolvimento da habilidade de comunicação da criança. O uso da televisão durante os anos nos quais as crianças estão aprendendo a ler tem um impacto negativo no desenvolvimento da leitura, provavelmente por causa da troca do prazer pela leitura pelo prazer por assistir televisão por entretenimento (Anderson & Subrahmanyam, 2017).

A mudança na rotina e o fato de não poderem ter contato com outras pessoas, além dos que moram em sua casa, é um agravante no aumento da ansiedade e agitação de crianças. O acesso livre e sem controle a celulares, tablets e televisão, junto com o fato de estarem constantemente expostas a um excesso de informações, somado ao estresse dos adultos ao seu redor, pode fazer com que elas, por serem menores e não saberem lidar com emoções, também acabem ficando ansiosas e agitadas (FIOCRUZ, 2020).

Existem poucas evidências sobre a melhor forma de usar os dispositivos eletrônicos na rotina das crianças. Estudos demonstram que o uso excessivo pode trazer dependência, uso compulsivo e dificuldade de interação social (Nobre *et al*, 2018). Recomenda-se que o tempo de exposição às telas para a faixa de dois a cinco anos seja de até uma hora/dia (Sociedade Brasileira de Pediatria [SBP], 2016).

A mídia de massa para crianças promove uma frouxidão de pensamento, reduz as competências cognitivas e compete com atividades mais produtivas, porém seu lado positivo, é todas essas mídias foram criadas para serem enriquecedoras, permitindo que crianças experimentem e testemunhem lugares e eventos distantes além de suas experiências normais (Anderson & Subrahmanyam, 2017).

Durante a pandemia do COVID-19, a necessidade de ficar em casa faz com que momentos de atividades físicas fiquem cada vez menores. Não é de hoje que se sabe da relação benéfica entre os exercícios físicos e o desenvolvimento do sistema nervoso central. Inclusive, há evidências de que a prática recorrente de atividade física tem impacto na melhora da função cerebral em crianças com déficit de atenção e hiperatividade (Gapin & Etnier, 2010). A atividade física também tem um papel mediador na associação entre sintomas depressivos e comportamento sedentário (Júnior, Paiano & Costa, 2020). Estudos mostram que esses benefícios vêm do fato de ao fazer atividades físicas, ocorre um aumento do fluxo sanguíneo cerebral e consequentemente de nutrientes (Filho et al., 2014).

Dessa forma, o isolamento social prolongado, juntamente com a inatividade física e o uso demasiados de telas, pode fazer com que surja ou agrave o sedentarismo e obesidade preexistente, que de forma contínua e estendida pode causar danos cerebrais. Estudos recentes mostram que os maiores tempos destinados a assistir TV estão associados com um menor volume de massa cinzenta em seis regiões do cérebro. O uso de videogames foi ligado à redução de massa cinzenta em três regiões cerebrais e o tempo total de comportamento sedentário foi associado à redução de massa cinzenta em duas regiões do cérebro (Zavala-Crichton et al., 2020).

Ou seja, além do aumento do fluxo sanguíneo cerebral, o exercício físico previne a obesidade e o sedentarismo que pode ter consequências mais graves no futuro da criança. Algumas das coisas que podem ser implementadas na rotina da criança para fazer com que ela se mantenha ativa, além dos exercícios físicos em si e quem tem quintal ou espaço aberto que seja seguro durante a pandemia e dê para fazer brincadeiras ao ar livre, é ideal incentivar a criança a fazer pausas curtas entre as aulas para descanso, acrescentar na rotina momentos com atividades que ela goste e faça com que ela se movimente, criar junto com a criança brincadeiras que façam com que ela precise se movimentar pela casa (caça ao tesouro, corrida de obstáculos) sempre visando a movimentação corporal.

Estudos mostram que mesmo crianças de 2 anos estão conscientes das mudanças ao seu redor. Um dos fatores que mais influenciam a saúde mental infantil, é o fato de muitas crianças, por conta idade, não conseguirem expressar o que sentem aos adultos não sabem como lidar com emoções negativas (Irman, Zeshan & Pervaiz, 2020).

Os pais, sempre tiveram papéis fundamentais na vida dos filhos. No atual contexto vivenciado, estes precisam proporcionar um ambiente saudável para que as crianças consigam lidar com as suas emoções (Wang, Y. Zhang, Zhao, J. Zhang & Jiang, 2020).

Em um estudo realizado em Shaanxi, na China, percebeu-se que crianças com idade entre 2 e 6 anos vivenciaram constante medo de que alguém da sua família adoecesse. Crianças mais velhas, se mostraram com constante falta de atenção. Contudo, o sintoma comum em ambas as faixas etárias foi a irritabilidade. O mesmo estudo cita que as atividades realizadas pelas famílias, como a leitura e o exercício físico, ajudaram as crianças a lidarem com as emoções negativas (Jiao et al., 2020).

Crianças socialmente isoladas poderão estar em risco na aquisição de linguagem, valores morais e modo expressar sentimentos de agressividade, sendo que as consequências negativas podem persistir ao longo do tempo. O que significa que não se trata apenas de uma dimensão social, sendo também importante noutros domínios (Carvalho, 2006).

O desenvolvimento da criança recém-nascida é um empreendimento conjunto entre a criança e o adulto que dela cuida. Da mesma forma, à medida que ela vai crescendo, aumenta o número e a diversidade de pessoas com quem ela interage (Schaffer, 1984). Cada nível alcançado, entretanto, estipula conjuntos de tarefas desenvolvimentais que devem ser realizadas pela criança e pelo adulto, para que ela possa completar essa fase e progredir para a próxima transição. Ou seja, reorganizações na criança

determinam mudanças no comportamento do adulto interagente, favorecendo assim, novas experiências interativas e consequentemente novas reorganizações. Como a criança se desenvolve em um contexto social, são as interações e as relações com as pessoas e sistemas sociais que têm um papel crucial para suas aquisições e para a construção de funções psicológicas cada vez mais sofisticadas.

Para a escolha da idade, optou-se pelas duas primeiras fases do desenvolvimento, a primeira e a segunda infância. Na primeira infância (do nascimento aos 3 anos) a compreensão e o uso da linguagem se desenvolvem rapidamente. É nessa fase que os vínculos com os pais e outras pessoas são formados. É quando ocorre a passagem da dependência para autonomia e também acontece um aumento no interesse por outras crianças (Papalia & Feldman, 2013).

Na segunda infância a memória e a linguagem são aprimoradas. Ocorre um aumento da independência, iniciativa e autocontrole. O brincar se torna mais imaginativo, elaborado e geralmente mais social. A família ainda é o foco em relação a vida social, mas outras crianças ganham uma importância nesse período (Papalia & Feldman, 2013).

É importante ressaltar que as idades das fases não são fixas. Cada criança vai ter seu próprio desenvolvimento de acordo com as influências recebidas do seu contexto cultural, social, familiar e escolar.

Também foi levado em consideração os estudos feitos por Lev Vygotsky. O psicólogo russo Lev Semenovich Vygotsky (1896 - 1934) desenvolveu uma corrente que é chamada de socioconstrutivismo. Para desenvolver sua teoria de desenvolvimento infantil, ele usou como base os conceitos de Karl Marx. Ele foi um dos primeiros psicólogos a sugerir, numa perspectiva histórico-cultural, o processo de conhecimento se dá a partir das relações/interações sociais. Ele acreditava, diferentemente de Piaget, que o ambiente pode ajudar ou prejudicar o desenvolvimento. Para ele, o desenvolvimento humano ocorre de fora para dentro, a partir das relações sociais, da cultura e da história que o indivíduo está inserido.

A teoria sociocultural de Vygotsky enfatiza o envolvimento ativo da criança com seu ambiente e ele via o crescimento cognitivo como um processo colaborativo. Atividades que são realizadas juntamente com as crianças ajudam elas a internalizar os modos de pensar da sociedade e os hábitos transmitidos passam a ser da própria criança (Vygotsky, 1978 como citado em Papalia & Feldman, 2013).

A única forma completa de desenvolvimento é aquela que ocorre por meio da interação humana. Dessa forma, Vygotsky enfatizou a importância da interação social na infância, pois acreditava que as crianças estão em constante aprendizado e que ele ocorre de forma gradual através de seus pais/cuidadores e professores (Vygotsky, 1984 como citado em Coelho & Pisoni, 2012).

Alguns pesquisadores foram influenciados pela teoria de Vygotsky e estudaram como o contexto cultural afeta as primeiras interações sociais. O conceito de participação guiada refere-se a interações mútuas com adultos que ajudam a estruturar as atividades da criança e preenchem a distância entre a compreensão da criança e a do adulto (Papalia & Feldman, 2013).

Vygotsky considerou a linguagem um meio essencial para aprender e pensar sobre o mundo. Ela é o principal método que os adultos usam para transmitir informações às crianças e é por meio dela que as experiências externas são transformadas em processos internos. Ele acreditava que a linguagem é criada pela interação social (como forma de tentativa de comunicação), mas depois ela se transforma em uma “fala interior” que pode ser entendida como nossos pensamentos. Os adultos devem ajudar a direcionar e organizar a aprendizagem da criança (Papalia & Feldman, 2013). Essa orientação vai ser essencial e eficaz para ajudar a criança a passar pela ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal. Vygotsky criou esse conceito em 1920 e definiu como a distância entre o que a criança já é capaz de fazer sozinha e o que pode realizar com assistência.

A criança adquire a linguagem a partir da interação dos aspectos biológicos com os processos sociais. Para ele, a interação social é de extrema necessidade para que a criança adquira a linguagem, e as relações da criança com adultos é fundamental para o desenvolvimento da habilidade linguística pois é um sistema dinâmico, através do qual ambos colaboram com suas experiências e conhecimentos no processo da interação, estabelecendo uma relação recíproca e bidirecional (Borges & Salomão, 2003).

O adulto como educador, exerce o papel de introduzir as intenções comunicativas da criança, buscando estabelecer aproximadamente o nível de linguagem da criança ao seu (Garton, 1995).

Vygotsky falou em seus estudos sobre a Mediação. Que é toda relação da pessoa com o mundo, feita por meio de instrumentos como a linguagem. Para ele, todo aprendizado é necessariamente mediado. Desde o nascimento a criança está imersa em um mundo social e toda a atividade humana em volta dela vai ser mediada pela linguagem. É através dessa interação que a criança vai se apropriando da linguagem em suas relações com o outro e com objetos (Vygotsky, 1984 como citado em Coelho & Pisoni, 2012).

Devido a pandemia do COVID-19, o isolamento social foi implementado como uma das medidas de prevenção da disseminação da doença. Dessa forma, creches e escolas foram fechadas, forçando as crianças a ficarem restritas ao ambiente residencial e com contato reduzido a familiares próximos (na maioria dos casos somente com os pais). À vista disso, este tema foi escolhido com o intuito de analisar quais são os possíveis prejuízos ou benefícios, que essas crianças podem apresentar, quando se trata do aspecto cognitivo e comportamental.

O presente trabalho tem como objetivo, avaliar, através de análise de pesquisas e aplicação de questionários com os pais, o impacto do isolamento social pela COVID-19 e os possíveis prejuízos e benefícios no desenvolvimento cognitivo e comportamental que crianças de 0 a 6 anos poderão apresentar durante e após esse processo.

Os resultados desse trabalho poderão ser de grande valia para psicólogos, pedagogos, pais, psiquiatras e pessoas em geral da área de saúde que possam se interessar pelo assunto e seus desdobramentos, afinal, por ser um evento sem precedentes, muitos estudos podem ser feitos sobre esse período.

3. Método

3.1 Participantes

A presente pesquisa teve como público alvo pais/responsáveis de crianças de 0 a 6 anos e profissionais da saúde que façam acompanhamento contínuo de crianças dessa idade (Fonoaudiólogo, Fisioterapeuta, Terapeuta Ocupacional, Pediatras, entre outros). A exigência principal foi que tivesse contato direto com a criança (pais/responsáveis) ou caso fossem profissionais da saúde, que tivesse um acompanhamento semanal/quinzenal para poder perceber as possíveis alterações no desenvolvimento. A quantidade de amostra mínima de participantes esperada era de 50 respostas vindo de pais/responsáveis e 20 respostas de profissionais da saúde.

Em relação aos pais/cuidadores, houve restrição somente em relação a idade. Os pais/cuidadores deveriam ser maiores de idade para não haver necessidade de autorização para menores de idade.

Em relação aos profissionais da saúde, não houve nenhuma limitação a não ser em relação a ter uma graduação finalizada na área de atuação (ou seja, estagiários não poderão responder a pesquisa, mesmo que façam um acompanhamento semanal/quinzenal).

O total da nossa amostra foi de 220 respostas no total, porém duas foram desconsideradas, uma porque o participante não aceitou os termos do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a outra devido ao fato de ser menor de 18 anos.

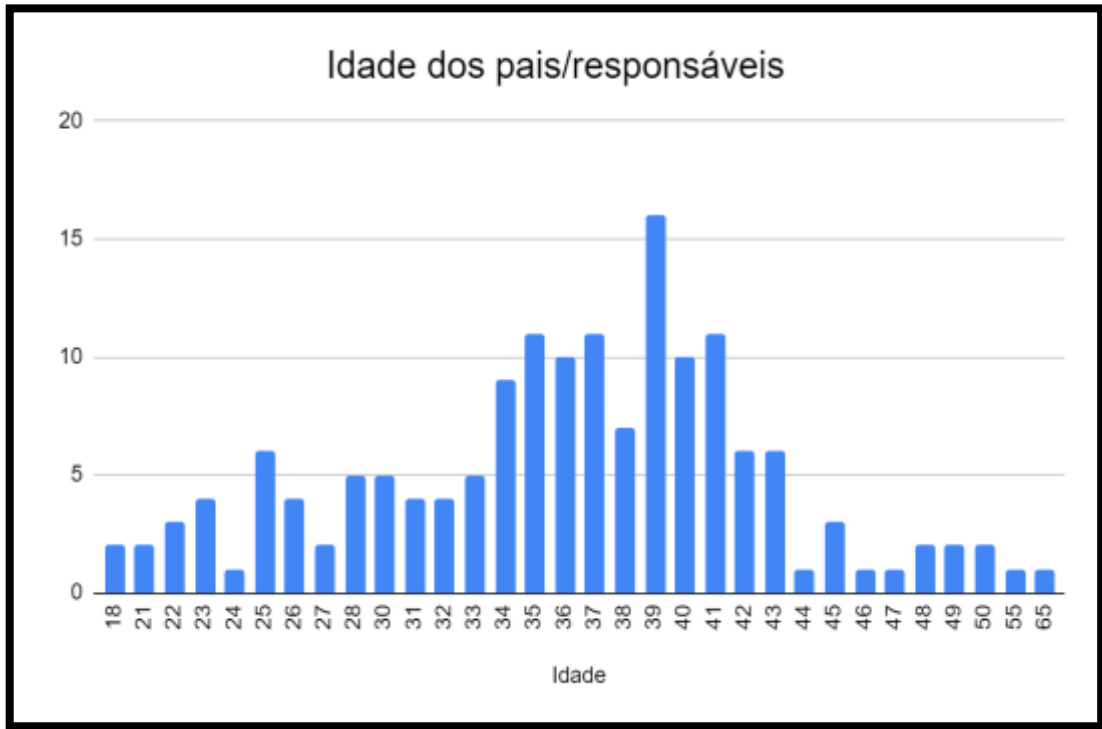
Em relação aos participantes que marcaram que eram profissionais da saúde, nenhum entrava nos critérios para participar da pesquisa. Dessa forma os dados apresentados serão somente referentes a visão dos pais/responsáveis.

Para conseguir avaliar de forma fidedigna os objetivos da pesquisa, das 218 respostas totais, somente 161 respostas foram consideradas válidas. Os critérios usados nessa seleção foram: os participantes ainda estarem em isolamento ou voltando aos poucos à rotina “normal” e ter filhos de 0 a 6 anos.

Considerando essa amostra de 161 participantes, a média das idades foi de aproximadamente 36 anos (Figura 1). Aproximadamente 66% dos participantes eram do Distrito Federal. Os outros dois estados com maior participação eram de Santa

Catarina e Minas Gerais. Sendo o restante de Goiás, Ceará, São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul e Tocantins (Figura 2). 92% dos participantes eram do sexo feminino e 8% do sexo masculino. 77% dos participantes eram casados, 16% solteiros, e o restante estão divorciados, em união estável ou viúvos (Figura 4). A maior parte marcou que sua renda está entre R\$4.180,00 e R\$10.450,00 (Figura 5). Em relação às crianças, a média de idade foi de 5 anos (Figura 6).

Figura 1 - Idade dos pais/responsáveis.



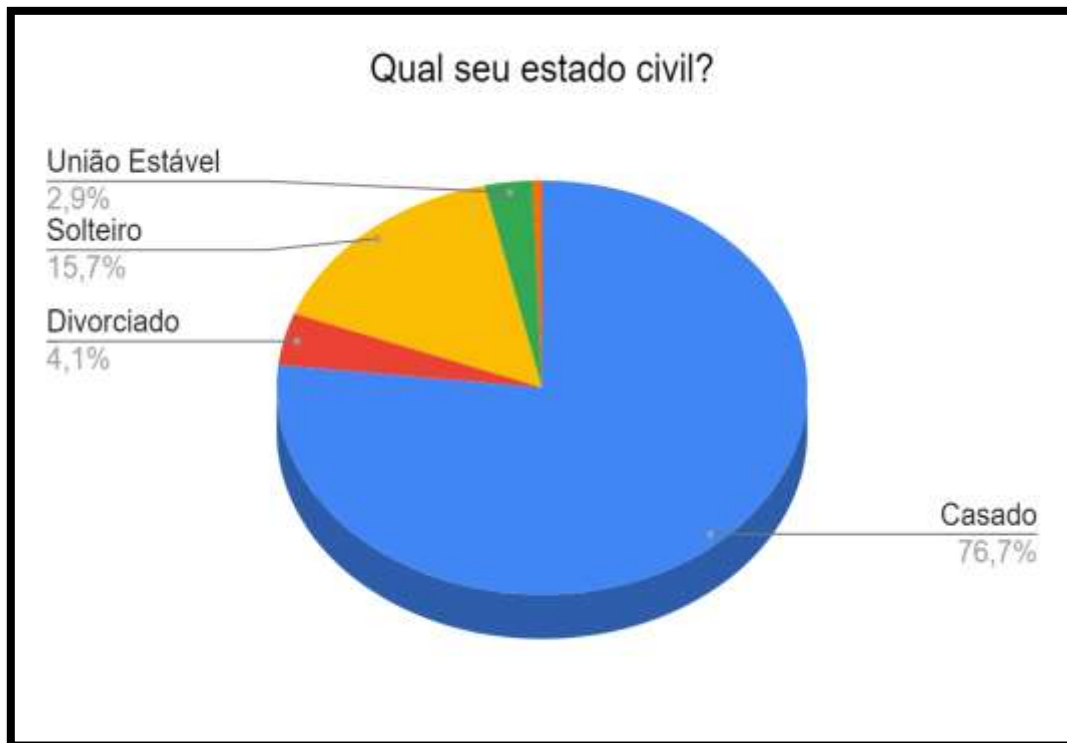
Fonte: Autores.

Figura 2 – Estado.



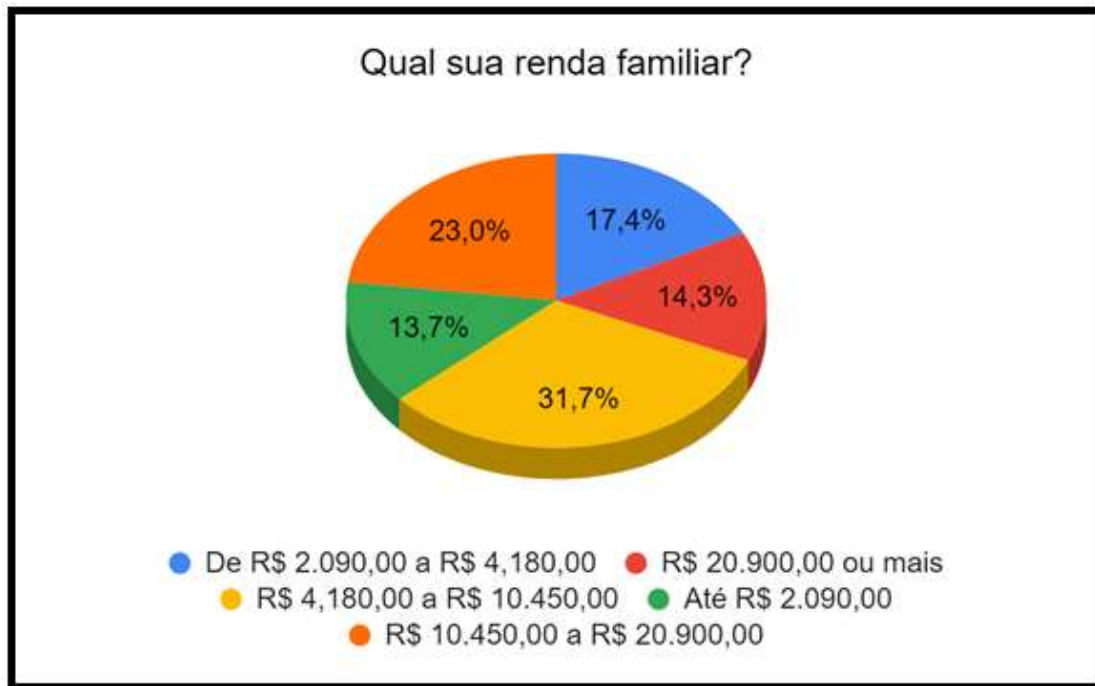
Fonte: Autores.

Figura 3 - Estado Civil.



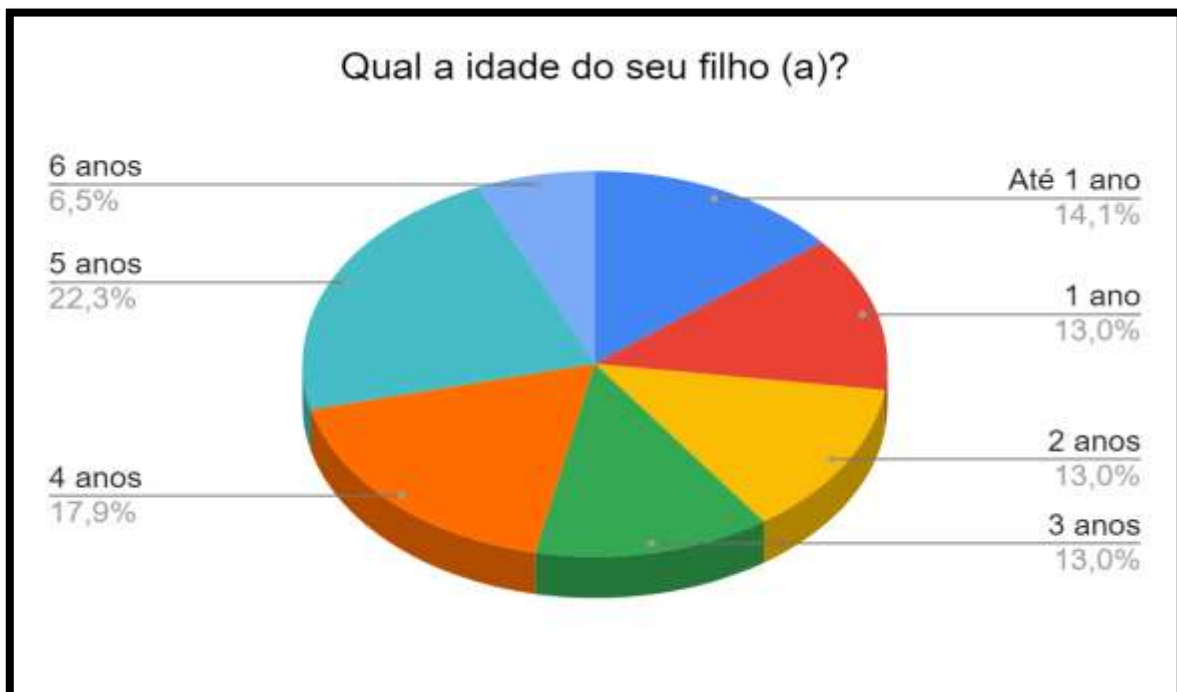
Fonte: Autores.

Figura 4 - Faixa salarial.



Fonte: Autores.

Figura 5 - Idade das crianças.



Fonte: Autores.

Para a segunda etapa da pesquisa, 104 pessoas demonstraram interesse em participar. Porém somente 99 deixaram alguma forma de contato. O critério para a participação nessa segunda etapa foi baseado nas respostas das questões que abordavam sobre se sentir sobrecarregado em relação a demanda das crianças, a idade da criança ser a partir de 2 anos e ainda

estar em isolamento social. Esses critérios reduziram a apenas 26 pessoas. Desses, apenas 10 retornaram o contato e tinham disponibilidade para a realização da entrevista *online*.

Dessas 10 entrevistas feitas, 3 crianças tinham 6 anos; 2 crianças tinham 5 anos; 2 crianças tinham 4 anos; 2 crianças tinham 3 anos; 1 criança tinha 2 anos e 1 criança tinha 1 ano. 2 mães falaram de seus dois filhos.

3.2 Instrumentos

O presente estudo foi dividido em duas etapas, a primeira foi uma pesquisa de levantamento de dados por meio de um questionário no Google Forms. O questionário foi composto por perguntas objetivas e subjetivas, com espaços para os participantes poderem descrever alguma situação se necessário, com o objetivo de descobrir as mudanças nas crianças percebidas pelos pais/responsáveis. Nesse questionário fizemos um levantamento de dados demográficos, como idade, quantidade de filhos, renda salarial, etc. Perguntas sobre mudanças percebidas no processo de fala, alterações comportamentais, atenção, relação da criança com as aulas *online*, etc. A última pergunta do questionário foi destinada para pedir os dados de contato do participante, caso ele tenha interesse em participar de uma segunda parte.

A segunda etapa consistiu em uma entrevista com os voluntários que responderam ao questionário anterior e aceitaram participar dessa segunda fase. Essa entrevista foi semi estruturada e as perguntas tiveram como base as respostas dadas pelos próprios participantes, com o objetivo de aprofundar sobre o ambiente e a rotina em que as famílias estão vivendo e ter um pouco mais de contato com os pais e as crianças, possibilitando a percepção de algum fator que possa ter passado despercebido durante o questionário. Nessa etapa, quando o entrevistado relatava que tinha mais de um filho apresentando alterações comportamentais ou cognitivas e estavam dentro da idade selecionada para a pesquisa, nós fizemos a entrevista sobre os dois.

3.3 Aparatos de pesquisa:

Em toda a produção da parte escrita e posteriormente para as entrevistas *online*, foi usado computador, internet, cadernos para eventuais anotações, caneta, lápis, borracha, a plataforma do Google Forms e do Google Meet, o sistema de armazenamento de dados, redes sociais para divulgação do formulário, aplicativo para gravação de telas para as entrevistas.

3.4 Procedimentos para coleta de dados:

A presente pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2021. O link para o questionário do *Google Forms* foi divulgado por meio das redes sociais das pesquisadoras (*Instagram*, *WhatsApp* e *Facebook*). Considerando a estratégia de “Bola de Neve”, a primeira divulgação da pesquisa ocorreu entre pessoas da lista de contato das pesquisadoras. A possibilidade de pessoas a serem alcançadas, considerando o alcance das duas pesquisadoras, era de aproximadamente 300 pessoas pelo *Instagram*, mais aproximadamente 100 pessoas pelo *WhatsApp* e 100 pessoas pelo *Facebook*.

Foi feito contato através de *email* ou *WhatsApp*, com os participantes que aceitaram participar da parte de entrevista e foi feito a marcação de horário para uma vídeo chamada, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

As entrevistas foram feitas através do *Google Meet* e algumas foram gravadas, mediante autorização dos participantes, para facilitar a análise dos dados coletados. O armazenamento das gravações foi feito na nuvem e no computador das pesquisadoras.

3.5 Procedimentos para análise dos dados:

A presente pesquisa é considerada quali-quantitativa, alternando nos procedimentos dados qualitativos e quantitativos. A pesquisa quantitativa refere-se a estudos cujos resultados são produto principalmente de síntese e análise estatísticas. O dado

coletado tem como objetivo descobrir fatos, fenômenos ou comportamentos sociais (Shaughnessy, Zechmeister, Zechmeister, 2012). Através das perguntas do Forms, é possível descobrir se teve algum comportamento que sofreu alteração durante o período de isolamento, a intensidade dessas mudanças, se existe a presença de novos comportamentos desadaptativos, com base nas respostas dos pais/responsáveis.

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995). Os entrevistados têm liberdade para responder às perguntas da forma que acharem correto. Tem como objetivo a compreensão do comportamento humano com base nas informações trazidas pelos entrevistados (Shaughnessy et al., 2012). A segunda etapa realizada a partir de uma entrevista semiestruturada, formulada com base nas respostas adquiridas no questionário do Google Forms, os pais/responsáveis responderam perguntas que tem como objetivo tentar aprofundar mais sobre o tema pesquisado e focar em dados que possam ter passado despercebidos nas perguntas objetivas.

A análise dos dados da parte qualitativa foi feita em três fases com base na teoria de análise da Laurence Bardin. O termo análise significa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. A análise será feita em três fases fundamentais, pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: inferência e interpretação (Bardin, 2011).

Com os dados da pesquisa quantitativa foi feita uma análise descritiva. Para fazer esse tipo de análise é necessário organizar, resumir e descrever os aspectos importantes de um conjunto de características observadas e também comparar certas características, fazendo uma correlação, entre dois ou mais conjuntos (Reis & Reis, 2002).

Entre os estudos de dados quantitativos, pode-se citar os de correlação de variáveis, que são os quais por meio de técnicas estatísticas procuram explicar o grau de relação e o modo entre dois ou mais fatores (Diehl, 2004 como citado em Dalfovo, Lana & Silveira, 2008). No caso foi feita uma busca por uma relação entre o isolamento social e os impactos no cognitivo e comportamental infantil.

3.6 Ressalvas éticas:

Para que a pesquisa seja considerada válida, é importante e necessário seguir vários procedimentos preservando a ética. Portanto, toda pesquisa com humanos, para ser aplicada, precisa passar por um Comitê de Ética. Dessa forma este trabalho passou por uma aprovação de um comitê no site Plataforma Brasil para poder ser aplicado (código de aprovação 4.734.053). Além dessa pré-aprovação, todos os dados coletados foram armazenados e analisados sempre preservando o sigilo das informações e dos dados dos participantes.

Foi oferecido ao participante o TCLE, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esse termo consiste em um documento que explica de forma clara e objetiva para os participantes em que consiste a pesquisa, qual o objetivo e mostrando a importância da investigação que está sendo realizada. Ao assinar, o participante concorda com os termos da pesquisa e demonstra que está aceitando participar. Foram disponibilizados dois TCLE. Um foi apresentado de forma *online*, no início do questionário do Google Forms e o outro, referente a entrevista, foi enviado no momento do primeiro contato com os participantes, por e-mail ou WhatsApp.

É importante ressaltar que foi esclarecido para o participante que ele poderia optar pela desistência a qualquer momento da pesquisa. Além disso, foi destacado aos participantes sobre o sigilo mantido em todas as etapas desse projeto.

Em relação aos riscos envolvidos na participação da pesquisa, são considerados baixos, porém foi ressaltado para o participante que se ele sentir algum desconforto no momento da realização, poderia entrar em contato com o supervisor responsável pela pesquisa ou com as pesquisadoras.

4. Relato de Caso

Além dos resultados dos impactos do isolamento social nas crianças, que serão abordados mais à frente, a presente pesquisa recebeu respostas referentes a prejuízos e sofrimentos trazidos pelos pais, que consideramos relevantes de serem apresentados, afinal, isso pode refletir nas crianças.

Das 161 respostas consideradas para essa análise, aproximadamente 30% dos pais relataram não estarem tendo tempo para atender a demanda dos filhos e 55% relatou estar dando conta, mas se sentindo sobrecarregados. E 15% relataram estarem tendo tempo para atender as demandas dos filhos.

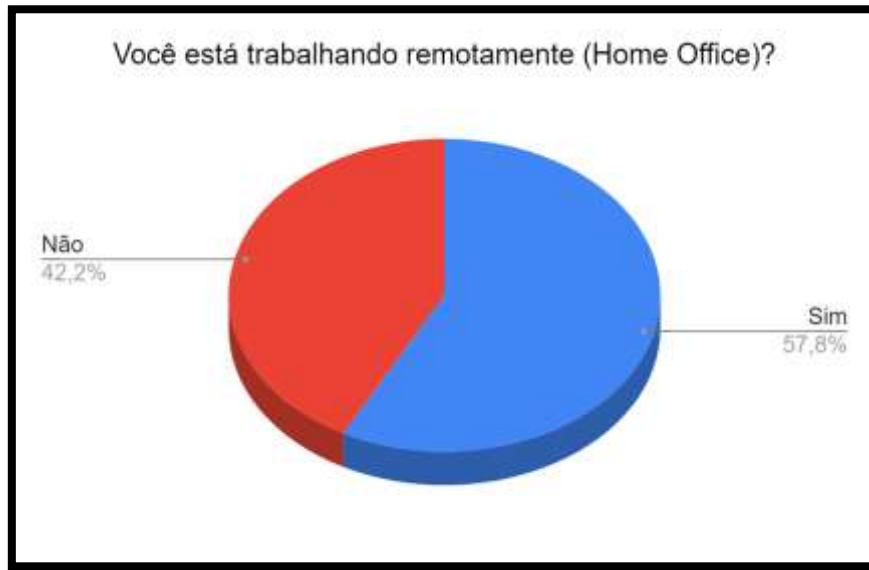
Figura 6 - Tempo para as demandas dos filhos (as).



Fonte: Autores.

Quase 60% dos participantes estão trabalhando a distância, no modelo de *home office*.

Figura 7 - Home Office.



Fonte: Autores.

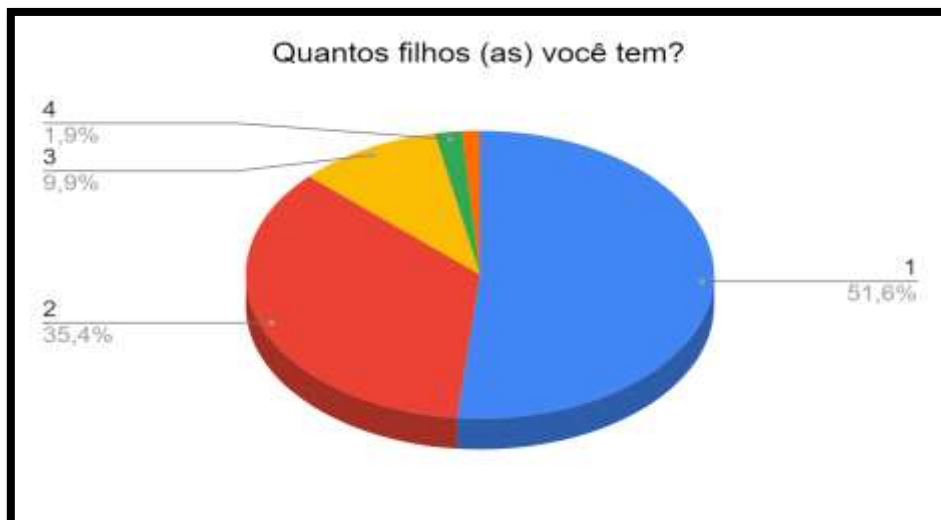
Um dos impactos do isolamento social foi a implementação de aulas *online* para as crianças. Quase 52% dos participantes relataram que suas crianças estão tendo aula *online* e 48% relataram que não. Em relação aos pais dessas crianças, 51% relatam não estarem tendo tempo para ajudar com as atividades da escola.

Em relação aos impactos da rotina, 91% consideram que sua rotina mudou muito devido ao isolamento social e 9% relataram que não. Desses que relataram que sim, 81% consideram que sua rotina mudou de forma negativa e somente.

Em relação às crianças, foi averiguado a quantidade de irmãos, o tempo de isolamento, se teve contato com outras crianças, alterações comportamentais, alterações cognitivas, sobre a atenção em relação a atividades que exigem mais foco, tempo de tela, sobre estar mais ativo ou menos, sobre a quantidade de brincadeira, se está mais carente e se está tendo aula *online*.

A média de idade das crianças foi de 5 anos. Mais da metade é filho único, aproximadamente 36% tem pelo menos um irmão e o restante tem mais de dois irmãos.

Figura 8 - Quantidade de filhos.



Fonte: Autores.

Em relação ao tempo de isolamento, aproximadamente 46% ficaram 1 ano em isolamento e 13% ainda está. Aproximadamente 3% nasceu no isolamento e o restante das marcações variam entre 1 mês a 11 meses.

Figura 9 - Tempo de isolamento.



Fonte: Autores.

Durante o isolamento, aproximadamente 56% das crianças tiveram contato com outras crianças, 22% apenas com os irmãos e 23% não tiveram contato algum com outras crianças.

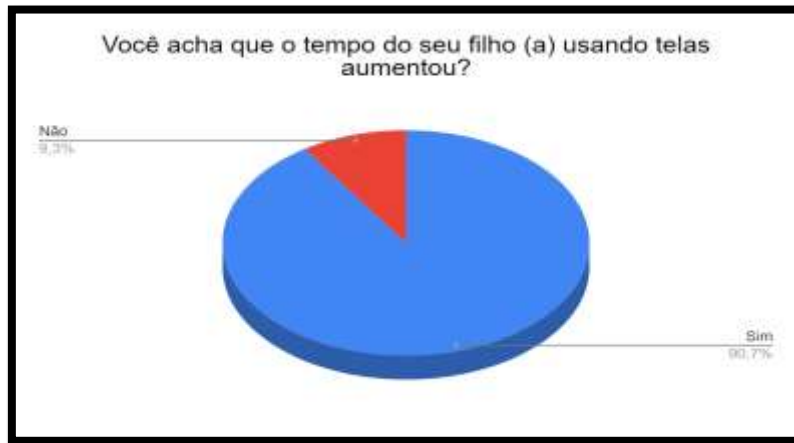
Figura 10 - Contato com outras crianças.



Fonte: Autores.

Ao serem questionados se o tempo de uso de tela aumentou durante o isolamento, aproximadamente 91% marcaram que sim.

Figura 11 - Aumento do uso de tela.

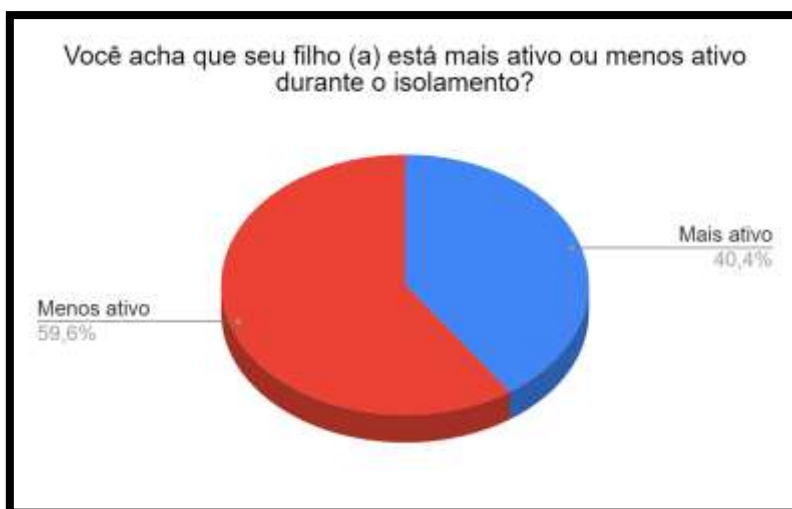


Fonte: Autores.

Em relação a criança estar mais ativa ou menos ativa, 60% marcaram menos. Algumas das explicações dada pelos pais/responsáveis sobre esse comportamento, além do fato de não poder mais fazer atividades físicas fora de casa, foram: “Não tem vontade de brincar com os brinquedos que exijam esforço físico”, “Quer ficar muito tempo deitado ou sentado”, “Menos atividades físicas”, “Só quer ficar no computador e celular”, “Em casa só fica querendo telas”.

Do restante que consideraram que a criança está mais ativa, as justificativas dadas foram as seguintes explicações: “Mais ativo porque fica mais tempo em casa e não tem onde gastar essa energia” “Mais enérgico, menos paciente” “Por não ter muitas atividades externas, meu filho fica bastante inquieto procurando algo para fazer” “Fica mais agitada por ficar tanto tempo em casa” “Muita energia acumulada”.

Figura 12 - Mais/menos ativo.



Fonte: Autores.

Em relação às brincadeiras, aproximadamente 45% considera que a criança tem brincado menos. 34% nem mais, nem menos em comparação a antes do isolamento e 21% tem brincado mais.

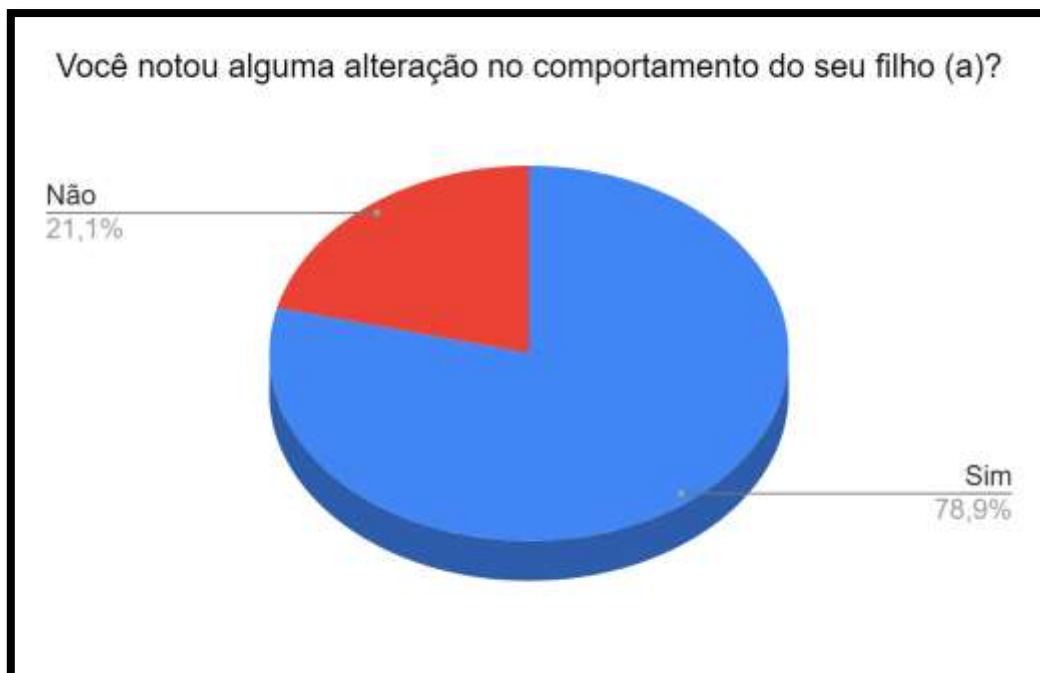
Figura 13 - Brincado mais/menos.



Fonte: Autores.

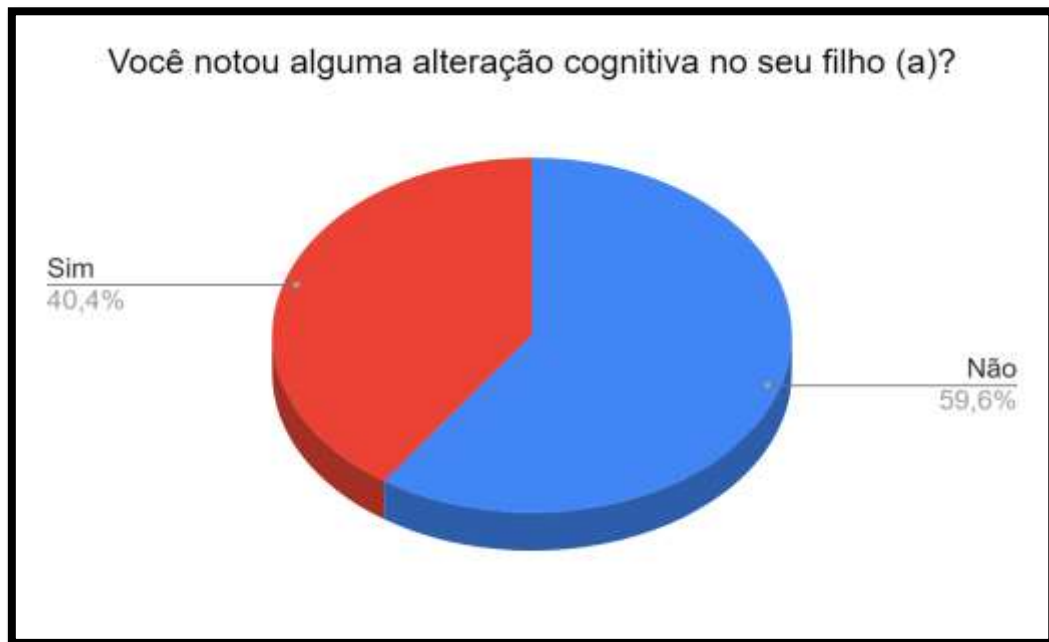
Aproximadamente 80% apresentou alterações comportamentais e quase 60% alterações cognitivas.

Figura 14 - Alterações Comportamentais.



Fonte: Autores.

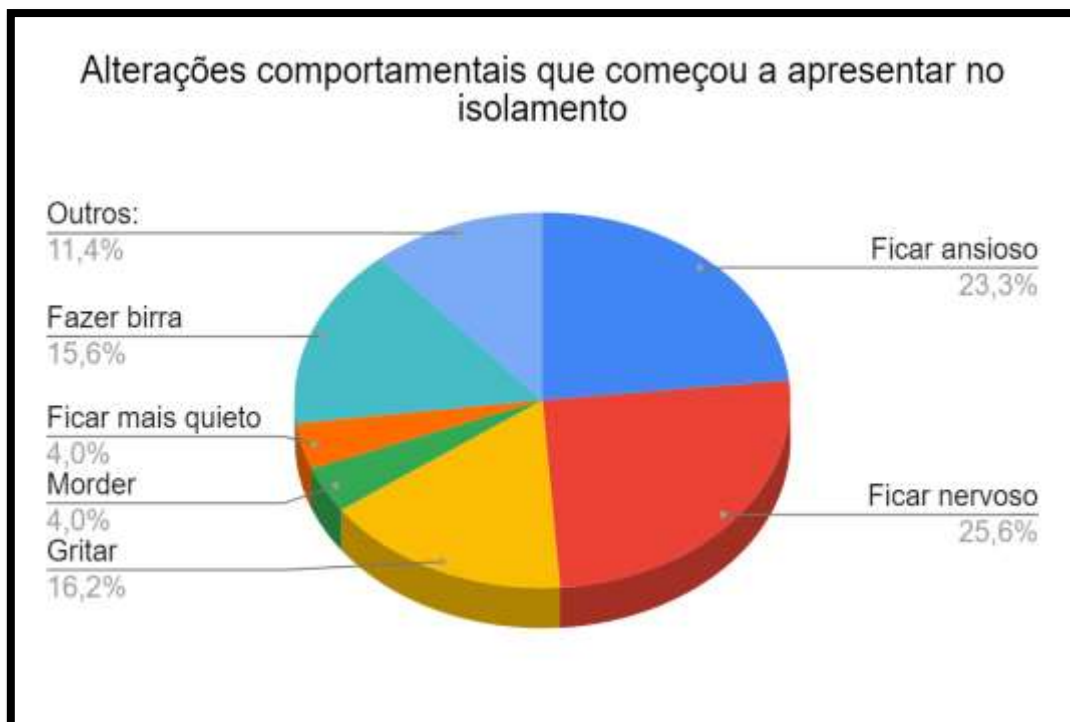
Figura 15 - Alterações Cognitivas.



Fonte: Autores.

Em relação às alterações comportamentais, aproximadamente 26% marcaram que perceberam que o filho começou a apresentar nervosismo durante o isolamento. 24% perceberam ansiedade; 16% marcaram que seu filho começou a gritar; 15% começou a fazer birra.

Figura 16 - Tipos de alterações comportamentais.



Fonte: Autores.

Dentro os comportamentos marcados como pelos pais/responsáveis como “Outros”, os que mais se repetiram foram "Agitação", “Não querer sair” e “Estranhar Pessoas”.

Em relação às alterações cognitivas, aproximadamente 43% marcaram que as crianças apresentaram falta de atenção. 18% perceberam dificuldade na fala; 13% dificuldade de memória; 10% dificuldade para terminar frases e 9% dificuldade para terminar histórias. O restante marcou a opção “Outros”, dentro dessa opção, algumas das alterações colocadas foram: falar mais alto, falar demais, dificuldade na leitura e ansiedade.

Figura 17 - Tipo de alterações cognitivas.



Fonte: Autores.

Sobre a questão da atenção em atividades que exijam mais foco, aproximadamente 45% colocou que a criança está apresentando um pouco de dificuldade. 38% considera que esse fator está igual antes do isolamento. 14% consideram que a criança quase não consegue focar e 3% marcou que a criança tem demonstrado muita dificuldade.

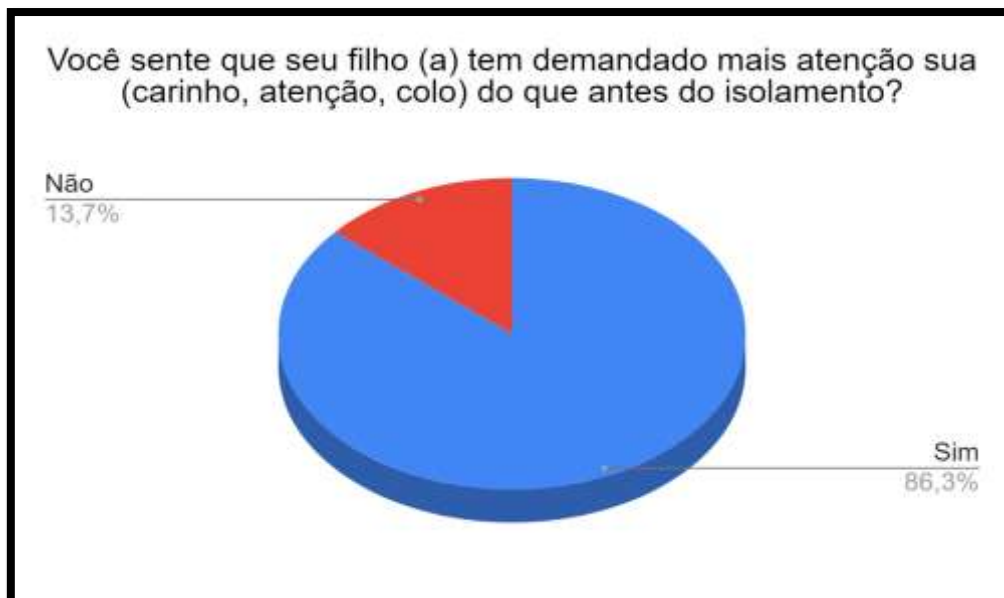
Figura 18 - Atenção em atividades que exijam foco.



Fonte: Autores.

Em relação se a criança está demandando mais atenção (carinho, colo) dos pais durante o isolamento, aproximadamente 86% das respostas foram sim.

Figura 19 - Demanda de atenção.



Fonte: Autores.

Em relação às pessoas que marcaram que não estavam mais em isolamento, essas não foram consideradas para a análise dos dados, porém vale a pena ressaltar que foi observado que as alterações percebidas por esses pais são as mesmas das percebidas em quem ainda está em isolamento, com o diferencial de que após voltar a sua rotina “normal”, essas crianças apresentaram melhora dessas alterações, tais como “diminuição do choro”, “voltou a brincar e interagir mais ao voltar para a aula”, “parou

com as birras e seu progresso foi exponencial”, “começou a interagir mais”, “mais calma e carinhosa” e “mais comunicativa e tagarela”.

Para a entrevista semiestruturada, foram feitas perguntas baseadas nas respostas de cada candidato nas questões referentes a alguns temas, tais como: percepção de alterações comportamentais e cognitivas; ter tempo para atender as demandas das crianças; alterações na interação com outras pessoas; alterações na rotina devido ao isolamento social; aumento do uso de telas; se o filho está mais ou menos ativo; se tem brincado mais ou menos; se a criança tem demandado mais atenção; se está tendo aula *online*.

Percebeu-se uma unanimidade das respostas. As crianças têm apresentado grande dificuldade em atividades que exijam muito tempo de concentração. O contexto de aula *online* têm sido um desafio para os pais, além da falta de concentração dos filhos, ambiente com muitas distrações, ausência de mais de um aparelho eletrônico para dividir entre o trabalho dos pais e a aula da escola, também foi relatado que eles se sentem sobrecarregados e estressados por também terem que lidar com as próprias obrigações pessoais, do trabalho e da casa.

Colaborando com as respostas gerais do questionário, as crianças entrevistadas têm apresentado mais comportamento de birra, choro e necessidade de atenção dos pais. Também têm apresentado maior tempo de uso das telas, estão menos ativas e têm demonstrado menos iniciativa para fazer brincadeiras fora do contexto de tecnologia. Apesar de menos ativas e estarem brincando menos, os relatos demonstram que as crianças estão com mais energia acumulada e comportamento inquieto, devido ao fato de não poderem sair de casa para extravasar.

Alguns poucos relatos trouxeram impactos positivos desse isolamento, como a aproximação dos irmãos, os pais terem mais tempo para ficar com os filhos e também conseguirem se sentirem mais próximos emocionalmente devido à proximidade física diária e contínua.

5. Discussão

Com o contexto de isolamento social presente na sociedade há mais de um ano, os resultados percebidos nas respostas e entrevistas com os pais/responsáveis foram de encontro com o que a teoria sugeriu que poderia acontecer. Além dos impactos nas crianças, que serão abordados mais à frente, foi percebido que os pais/responsáveis também relataram prejuízos e sofrimentos, que consideramos relevantes de serem abordados, afinal, esses podem acabar refletindo e justificando algumas das alterações percebidas nas crianças.

Somando os pais que relataram não dar conta das demandas dos filhos com os que estão dando conta, mas de forma sobrecarregada, chegamos a quase 96% dos participantes. Foi percebida uma relação entre essa sobrecarga e o aumento do uso de telas pelas crianças na primeira etapa da pesquisa e também na segunda, onde quase todas as entrevistadas admitiram que muitas vezes precisam deixar o filho em alguma tela (celular, televisão ou *tablet*) para conseguirem fazer algo relacionado ao trabalho ou atividades domésticas.

Ao fazer uma correlação entre o *home office* e a sobrecarga, a pesquisa nos revela que 90% dos pais/responsáveis que estão nesse modelo de trabalho a distância relatam não terem tempo para a demanda dos filhos ou se sentem sobrecarregados. A teoria mostra que esse estresse dos pais/responsáveis pode prejudicar a necessidade de atenção das crianças, fazendo com que elas fiquem inseguras ao pedir ajuda com suas demandas de escola. Dos 93 pais que marcaram que estão em *home office*, 86% das crianças tem demandando mais atenção no sentido de pedir colo, carinho ou chamar atenção.

Foi percebido na fala dos entrevistados da segunda etapa que essa situação acaba virando um ciclo. Os pais se sobrecarregam para dar conta das demandas dos filhos, o que gera estresse, fazendo eles pensar que não estão se doando o suficiente para suprir as necessidades das crianças, fazendo eles se sobrecarregarem mais, gerando mais estresse e assim sucessivamente.

Dos pais/responsáveis que relataram não terem tempo ou se sentem sobrecarregados, aproximadamente 82% relataram perceber alterações comportamentais nos seus filhos, 43% perceberam alterações cognitivas e 65% perceberam que os filhos estão tendo dificuldade de focar em atividades que exigem mais atenção. As principais alterações comportamentais (agitação, ficar nervoso, ficar ansioso) podem ser explicadas devido ao uso em excesso de telas e também ao fato de a criança perceber que os pais estão sobrecarregados, gerando uma insegurança na hora de pedir ajuda.

Em relação ao uso de telas na infância, diversas instituições de prestígio falam sobre os possíveis impactos desse uso e a quantidade de horas recomendadas. Corroborando com a teoria, tivemos o resultado de 127 crianças que apresentaram alterações comportamentais, aproximadamente 93% tiveram aumento no tempo de telas. Das 65 crianças que apresentaram alterações cognitivas, 96% tiveram também aumento no tempo de uso de telas, esse uso tem influenciado também quando se trata de alteração na atenção para atividades que exijam mais foco, 95% apresentaram aumento no uso de telas, nas menos ativas e brincando menos essa porcentagem é de 38,77%, comportamento ansioso 52,8% e na relação em estar em aula *online* e ansiedade, 37,17%.

O impacto da mudança da rotina, a implementação de aula *online*, o uso livre a telas, junto com a sobrecarga e estresse dos pais foram levantados no referencial teórico como possíveis causadores de agitação e ansiedade nas crianças, devido ao fato de serem novas e não conseguirem lidar com esse tanto de mudança e emoção. Os resultados da pesquisa na primeira etapa corroboram com esses dados.

Outro ponto levantado como importante para que as crianças não fiquem ansiosas e agitadas é a manutenção ou criação de uma rotina também trazido no referencial teórico. Porém foi percebido que uma das grandes dificuldades dos pais/responsáveis é conseguir manter uma rotina, principalmente pelo fato de se sentirem sobrecarregados.

O fato de estar restrito ao ambiente doméstico, muitas vezes não tendo espaço para brincar e fazer atividades físicas e falta de vontade das crianças de se movimentar foram dois pontos levantados pelos pais/responsáveis. E isso pode acarretar prejuízos futuros relacionados ao aumento de peso, sedentarismo e prejuízos cognitivos devido a falta do brincar de forma que estimula o imaginativo e a criatividade, podendo prejudicar o desenvolvimento nessa idade.

Em relação aos benefícios do isolamento social, é um pouco ambíguo a resposta. Ao serem questionadas sobre o que mudou na rotina devido ao isolamento, as entrevistadas relatam que o que mais prejudica é o fato de estar em casa o tempo todo junto com a sobrecarga e o estresse, principalmente relacionado ao fato de terem que se desdobrar para dar conta de tudo. Em contrapartida, também recebemos relatos de que o fato de estar em casa fez com que sua relação com a criança melhorasse, afinal, elas ficam juntas o tempo todo, ao mesmo tempo que o fato de ficar junto o tempo todo gera a sobrecarga. E também recebemos alguns relatos relacionados que o isolamento fez com que os irmãos se aproximassem e comesçassem a fazer algumas atividades juntos, brincando mais ao invés de brigarem o tempo todo.

Na segunda etapa da entrevista, foram percebidas algumas unanimidades, entre elas os relatos de sobrecarga dos pais. Como na segunda etapa tivemos somente mulheres participando, a grande maioria relatou lidar com a maior parte das demandas durante o dia, pois os maridos normalmente estão trabalhando. Tivemos alguns relatos de mães que tiveram que abrir mão do seu trabalho para cuidar dos filhos e da casa e as que lidam com essas duas funções, relatam se sentir extremamente desgastadas.

Quando se perguntou sobre a falta de atenção do filho durante as aulas, segundo os pais, esse comportamento foi se agravando com o passar do isolamento, a média de tempo que as crianças conseguiram focar na aula foi de 30 minutos, após esse tempo começam a dispersar e querer brincar com outras coisas. Algumas crianças que convivem com os irmãos, têm frequentemente esse momento interrompido pelos mesmos, por quererem a atenção dos pais ou dos irmãos que estão ocupados com as demandas da aula.

A terceira questão mais relatada foi quando se perguntou sobre o uso de eletrônicos, as crianças estão tendo mais tempo de uso e esse se tornou a válvula de escape para que os pais consigam realizar suas tarefas pessoais, em uma amostra maior,

durante o questionário, dos pais que se sentiam sobrecarregados em relação às demandas do filho, 87,6% disseram também que houve aumento do uso de telas. O uso tem interferido diretamente na rotina dessas crianças, quando os pais negam o uso tela ou tentam diminuir esse tempo, os filhos começam a fazer birra para conseguir continuar utilizando a tela. Esse comportamento de birra também foi percebido pelos pais, ao negarem algo que o filho deseja. Todos os entrevistados relataram que eles ficam tristes ou irritados ao serem contrariados, situação que não acontecia antes do isolamento, segundo o relato dos entrevistados. Foi percebido também uma maior dificuldade para manter uma rotina de sono, as crianças têm dormido mais tarde e acordado também mais tarde.

A falta de convívio social trouxe uma grande demanda por atenção, os filhos têm procurado motivos para estar próximos ou juntos dos seus pais e se tornaram mais dependentes, exigindo mais atenção durante as atividades de brincadeiras, para realizar atividades que antes faziam sozinhos ou interferindo nos momentos em que os pais estão em *home office*.

Durante o questionário da primeira etapa, dos 113 respondentes que disseram se sentir sobrecarregados, 81,4% também responderam que os filhos têm demandado mais atenção. Crianças que voltaram a aula presencial apresentaram uma redução dessa demanda. Uma das mães trouxe o seguinte relato: “Depois de encontrar outra criança ele fica calmo, feliz, parece que tá abastecido de afeto, eu não tenho nenhuma dificuldade com nada, ele me obedece, não volta com aquela energia toda acumulada”.

Crianças pequenas sentem o estresse de seus pais e podem mostrar suas preocupações de maneira que os responsáveis possam interpretar como mau comportamento,positor desafiador e acesso de raiva. Os pais podem notar que seus filhos pequenos e pré-escolares apresentam maior agitação, demorando a se concentrar ou se envolver em brincadeiras e estão mais agressivos. Algumas crianças podem começar a apresentar comportamentos regressivos típicos, como pedir mamadeira, chupar o dedo, não querer se vestir ou alimentar, ficar mais pegajoso e exigente, querer colo, além de problemas para dormir. As alterações do padrão de sono, podem incluir dificuldade para dormir, acordar no meio da noite, pesadelos frequentes, não dormir durante o dia, além de exigir mais atenção na hora de dormir. Essas reações de estresse nas crianças, podem causar insegurança nos pais e sentimento de inadequação, dificuldade de compreensão e empatia, aumento da sensação de tristeza, depressão e falta de controle, privação de sono e desligamento dos responsáveis, e também pode desencadear trauma parental ou resposta ao estresse (Nazish Imran et al. 2020).

6. Considerações Finais

Mesmo estando a mais de um ano nesse contexto de isolamento social, os impactos sofridos são grandes e ainda é uma realidade muito nova e incerta para todos que estão vivendo esse momento. Existem poucos estudos, artigos, reportagens e pesquisas que mostram para as pessoas o que está acontecendo e os possíveis desdobramentos dessa situação. Para aqueles que têm crianças em casa, isso acaba sendo um agravante para as inseguranças, medos e incertezas. Até mesmo os participantes que relataram que têm filhos mais velhos que 6 anos ou até mesmo adolescentes, ainda surgem demandas parecidas com as encontradas em crianças mais novas.

As crianças sentem essas inseguranças, estresse e sobrecarga dos pais e isso vem refletindo no comportamento e cognitivo delas. Muitas vezes as crianças, por serem novas, ainda estão aprendendo a como identificar emoções e expressá-las, tentando mostrar aos adultos o que estão sentindo e muitas vezes isso acaba emergindo em forma de choro, birra, nervosismo, ansiedade, agitação, regressão e mudanças no comportamento no geral.

Essa realidade fez com que os pais/responsáveis se adaptassem e se reinventassem em suas vidas profissionais, pessoais e domésticas. Afinal, com o modelo de *home office* e aulas *online*, não existe mais uma separação desses ambientes, o local de descanso é o mesmo de trabalho, escola, alimentação e lazer.

Percebeu-se que o uso dos eletrônicos no dia a dia das crianças isoladas, tornou-se um refúgio para os pais, muitas vezes tendo que deixar as crianças por muito tempo na frente desses para conseguir realizar outras atividades do dia. Os

pais/responsáveis também tiveram que aprender a conhecer melhor seus filhos, conviver por mais tempo e associar essa nova realidade com todas as outras atividades que já exigiam muito do seu tempo.

Como já esperado, as crianças passaram a demandar mais atenção por não terem mais o convívio social, porém apenas a atenção dos pais não está sendo suficiente para os que antes tinham contato com pelo menos 10 crianças diariamente, atividades físicas diversas e uma rotina de sono regulada. Mesmo os que têm irmãos em casa, também foi percebido alterações ao interagir com outras crianças ao sair do contexto de isolamento.

Ao analisarmos a pequena amostra da segunda etapa, foi possível entender um pouco do dia a dia dessas crianças e os comportamentos relatados no formulário. A partir do momento em que elas perderam seu espaço externo tornaram-se mais dependentes, pois todas as atividades que antes eram compartilhadas entre muitos contatos do seu dia a dia, colegas de sala, professores ou até mesmo estranhos na rua, tornaram-se realizadas exclusivamente por seu núcleo familiar principal. Ao mesmo tempo que isso foi considerado benéfico por alguns, a grande maioria relatou muita dificuldade em como lidar e o que pode ser feito.

O medo constante de perder alguém ou de se contaminar também está presente no dia a dia dessas crianças, por mais novas que sejam e cabe aos pais conseguirem explicar essa nova realidade aos pequenos. Porém por se tratar de um contexto novo e incerto, muitas vezes nem eles sabem como explicar, demonstrando inseguranças e dúvidas em como isso pode ser feito e até que ponto essa explicação será benéfica para as crianças. Se adaptar à nova rotina de máscara e álcool, sem contato e visitas tem sido um desafio também para os pequenos.

É importante ressaltar que não há certo ou errado em um momento como esse, cada pai/responsável e suas crianças, estão tentando ao máximo se adaptar a esse novo contexto. Cabe a cada família encontrar um ponto de equilíbrio entre trabalho, família, estudos e lazer. Alternativas como atividades recreativas em conjunto, dormir juntos na sala aos finais de semana, assistir filmes, jogos de tabuleiro e passeios embaixo do prédio ou perto de onde moram, foram alternativas relatadas pelos participantes que têm sido importantes para que as crianças tenham seu momento de extravasar a ansiedade junto com as pessoas que amam e também se sintirem acolhidas pela sua família.

É essencial lembrar que, sempre que for percebido uma necessidade de ajuda, ou que a sobrecarga está muito grande, ou ainda que as alterações comportamentais/cognitivas nas crianças estão excessivas, é recomendado buscar ajuda de profissionais da saúde (psicólogos, pediatras, médicos da família), pois esses têm capacidade e experiência para fornecer ajuda nos momentos difíceis e de desesperança.

É importante ressaltar que o objetivo da pesquisa foi alcançado, conseguimos através das duas etapas de formulário e entrevista analisar quais são os impactos que o isolamento social traz para o cognitivo e comportamental infantil.

Fazer essa pesquisa no contexto de pandemia, fez com que todo o método fosse realizado de forma *online*, o que não consideramos ideal no início porque pensamos que presencialmente as pessoas se sentiriam mais à vontade e estariam em um ambiente controlado, evitando interferências externas no momento da entrevista. Porém, nos surpreendemos, porque as entrevistas agregaram muito ao nosso trabalho e graças ao fato de ser *online* foi possível termos um alcance maior, possibilitando a realização de entrevistas com pessoas de vários estados brasileiros, o que não seria possível de fazer presencialmente.

Apesar de não influenciar no resultado, a segunda etapa teve uma amostra bastante reduzida, pois mesmo com vários candidatos que afirmaram que queriam fazer parte desta etapa, ao realizarmos o contato, poucos deram retorno e alguns que retornaram não tinham tempo disponível no momento, mesmo fazendo a sugestão da entrevista ser por áudio no WhatsApp para esses casos.

Para finalizar, como sugestão para outros estudos com formulário, ou até mesmo uma continuidade desse, recomendamos perguntar o sexo e idade atual da criança e colocar a opção de somente uma resposta por e-mail/número, pois tivemos muitas respostas repetidas, o que fez reduzir um pouco mais o número de candidatos respondentes.

Referências

- Andrade, L., Mauch, A., Costa, J., Silva, K., Almeida, L., Araújo, S., & Souza, V. (2020). A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19. *Health Residencies Journal-HRJ*, 1(2), 44-61.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70
- Bartoszeck, A. B., & Bartoszeck, F. K. (2007). Neurociência dos seis primeiros anos: implicações educacionais. *EDUCERE. Revista da Educação*, 9(1), 7-32.
- Borges, L. C., & Salomão, N. M. R. (2003). Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. *Psicologia: reflexão e crítica*, 16(2), 327-336.
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191.
- Carvalho, R.G.G. (2006). Isolamento social nas crianças: propostas de intervenção cognitivo comportamental. *Revista Iberoamericana de Educación*.
- Coelho, L., & Pisoni, S. (2012). Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. *Revista e-PED*, 2(1), 144-152.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A., & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista interdisciplinar científica aplicada*, 2(3), 1-13.
- da-Mata, I. R. S. As implicações da pandemia do COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças.
- De Paiva, N. M. N., & Costa, J. (2015). A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. *Psicologia. pt*, 1, 1-13.
- de Queiroz, V. C. B., & Loyola, C. A experiência da aprendizagem remota: quanto tempo demais na tela?
- Filho, C.A.A.M., Alves, C.R.R., Sepúlveda, C.A., Costa, A.S., Junior, A.H.L., Gualano, B. (2014). Influência do exercício físico na cognição: uma atualização sobre mecanismos fisiológicos. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 20, (3).
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020). Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19 – Crianças na Pandemia COVID-19. Autor. Recuperado de https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf
- Gapin, J., & Etnier, J. L. (2010). The relationship between physical activity and executive function performance in children with attention-deficit hyperactivity disorder. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 32(6), 753-763.
- Garton, A. (1995). *Social interaction and the development of language and cognition*. Psychology Press.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE-revista de administração de empresas*, 35(2), 57-63.
- Hadders-Algra, M. (2020). Interactive media use and early childhood development. *Jornal de pediatria*, 96(3), 273-275.
- Imran, N., Zeshan, M., & Pervaiz, Z. (2020). Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic. *Pakistan Journal of Medical Sciences*, 36(COVID19-S4).
- Jiao, W. Y., Wang, L. N., Liu, J., Fang, S. F., Jiao, F. Y., Pettoello-Mantovani, M., & Somekh, E. (2020). Behavioral and emotional disorders in children during the COVID-19 epidemic. *The journal of Pediatrics*, 221, 264.
- Júnior, P. G. F., Paiano, R., & dos Santos Costa, A. (2020). Isolamento social: consequências físicas e mentais da inatividade física em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 25, 1-2.
- Lima, R. C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30, e300214.
- Limeira, A. P., Oliveira, S. F. D., Oliveira, Z. D. S., Jovano, D. R. M., & Toro, P. C. H. O Impacto Na Educação Com A Pandemia Da Covid-19.
- Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37.
- Melo, B. D., Pereira, D. R., Serpeloni, F., Kabad, J. F., Kadri, M., Souza e Souza, M., ... & Freitas, C. M. D. (2020). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: crianças na pandemia Covid-19.
- Nobre, J. N., Vinolas Prat, B., Santos, J. N., Santos, L. R., Pereira, L., Guedes, S. D. C., ... & Morais, R. L. D. S. (2020). Quality of interactive media use in early childhood and child development: a multicriteria analysis. *Jornal de pediatria*, 96(3), 310-317.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Artmed editora.
- Pereira, M. D., de Oliveira, L. C., Costa, C. F. T., de Oliveira Bezerra, C. M., Pereira, M. D., dos Santos, C. K. A., & Dantas, E. H. M. (2020). A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 9(7), e652974548-e652974548.
- Phelps, C., & Sperry, L. L. (2020). Children and the COVID-19 pandemic. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 12(S1), S73.
- Ponte, V., & Neves, F. (2020). Vírus, telas e crianças: entrelaçamentos em época de pandemia. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, 7(1), 87-106.
- Reis, E. A., & Reis, I. A. (2002). *Análise descritiva de dados. Síntese numérica Estatística*

Schaffer, H. R. (1984). *The Child's Entry into a Social World*. London: Academic Press Inc.

Shaughnessy, J. J., Zechmeister, E. B., & Zechmeister, J. S. (2012). *Metodologia de pesquisa em psicologia*. AMGH Editora.

Smolka, A. L. B., & de Góes, M. C. R. (1993). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. Papirus Editora.

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2016). Saúde de crianças e adolescentes na era Digital. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). #MenosTelas#MaisSaúde. Recuperado de https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf

Straker, L., & Pollock, C. (2005). Optimizing the interaction of children with information and communication technologies. *Ergonomics*, 48(5), 506-521.

Vygotsky L.S. (1998). *A formação social da mente* (6a ed.). Martins Fontes.

Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 395(10228), 945-947.

Zavala-Crichton, J. P., Esteban-Comejo, I., Solis-Urra, P., Mora-Gonzalez, J., Cadenas-Sanchez, C., Rodriguez-Ayllon, M., & Hillman, C. H. (2020). Association of Sedentary Behavior with Brain Structure and Intelligence in Children with Overweight or Obesity: The ActiveBrains Project. *Journal of clinical medicine*, 9(4), 1101.